Dia 31 — Santo Inácio, Confessor, Fundador da Companhia de Jesus

Ao mesmo tempo que o apóstata Lutero desolava a Igreja na Alemanha; que Henrique VIII, declarando-se cismático, a destruía na Inglaterra; que Calvino, aquele imaginário reformador, lhe fazia uma sangrenta guerra na França, a divina Providência, sempre atenta a suas necessidades, formava na Espanha um herói cristão, escolhido, como se explica Urbano VIII[^n311], para conter as funestas conquistas dos inimigos de Deus, nascido para a reforma dos costumes em todos os estados e destinado a levar a fé de Jesus Cristo até aqueles países onde jamais haviam penetrado os apóstolos.

Este grande santo, glória de sua nação e ornamento de seu século, nasceu no ano de 1491 naquela parte da Cantábria espanhola que hoje tem o nome de Guipúscoa. Seu pai, Dom Beltrão, Senhor de Oñaz e de Loyola, ocupava um dos primeiros lugares entre a nobreza do país, como primogênito e cabeça de uma das casas mais antigas; e sua mãe, Marina Sáenz de Balda, não era de menos ilustre nascimento.

Embora Inácio fosse o menor dos oito filhos e três filhas, nasceu adornado de tão belas prendas que muito cedo foi as delícias de toda a família. Era bem disposto; um ar nobre e naturalmente agraciado, um gênio elevado e sobretudo uma ardente paixão pela glória preveniam os ânimos em seu favor. Embora um pouco altivo, era alentado e cortesão, notando-se nele desde seus primeiros anos uma discrição que nada cheirava às inocentes inconsiderações da infância. Julgando seu pai que era nascido para a corte, deu-se pressa em enviá-lo a ela e fê-lo pajem do rei católico. Logo ganhou Inácio a graça de Fernando; mas sua inclinação às armas desgostou-o logo da ociosidade do palácio. Assinalavam-se já seus irmãos no exército de Nápoles, e ele quis distinguir-se no da Cantábria. Logrou-o na tomada de Nájera e em todas as funções deu provas de grande valor.

[^n311]: Bull. Canon.

Não deu tantas de virtude e de cristandade. Estava sua cabeça cheia de vaidade e preocupada de espécies de galanteria, seguindo em todas as suas ações o espírito e as máximas do mundo, quando o Senhor se dignou por fim abrir os olhos àquele vaso de eleição, depois de tê-lo, digamo-lo assim, lançado por terra. Sitiava o exército francês o castelo de Pamplona, e o vice-rei Dom Antônio Manrique deixou por comandante a Dom Inácio enquanto ele saiu a solicitar o socorro. Sustentou ele só muitos assaltos; e, assombrados os sitiadores da intrepidez do jovem espanhol, converteram todas as suas forças contra o posto que defendia e foram também repelidos logo que

Inácio se deixou ver na brecha com a espada na mão; mas no calor do combate uma bala de artilharia lhe rompeu uma perna ao valoroso comandante, com cujo acidente perderam o ânimo os sitiados e se renderam. Trataram os franceses a Inácio com toda a estima que merecia seu valor e seu nascimento; e, depois de tê-lo cuidado e aplicados os primeiros medicamentos às feridas, levaram-no à sua casa de Loyola, distante algumas léguas de Pamplona. Sobreveio-lhe febre, e esteve tão em perigo que recebeu os sacramentos e lhe davam poucas horas de vida; mas, tendo-se adormecido, apareceu-lhe em sonhos São Pedro, que o tocou com a mão e o curou. O sucesso acreditou a verdade do sonho; mas nem ainda com este milagre se converteu Inácio. Vendo-se obrigado a guardar ainda o quarto e a cama por alguns dias, pediu um livro de novelas ou alguma história de cavalarias para divertir-se. Por ventura sua, não se achou outro em toda a casa que a vida de Cristo e as vidas dos santos. Leu-as Inácio; sentiu-se movido e, fazendo as naturais reflexões que lhe oferecia o cotejo daquelas vidas com a sua, ficou convertido.

Os primeiros passos que deu no caminho da penitência assombraram os mais fervorosos. Viram aquele homem cortesão, que só por conservar o ar e a bizarria de corpo havia tolerado as mais dolorosas incisões, cingir a cintura com uma cadeia de ferro, não usar outro vestido que um saco e um cilício, afetar rusticidade e grosseria para encobrir o ar nobre e grande que mostrava seu semblante; viram-no mendigar um bocado de pão de porta em porta; servir os enfermos nos hospitais; sofrer sem queixar-se as burlas e os ultrajes dos dissolutos, jejuar todos os dias a pão e água; passar em oração a maior parte da noite; castigar rigorosamente seu corpo três vezes ao dia e como esgotar em si toda a severidade da mais austera penitência. Mas não careceu de consolo seu penitente fervor; apareceu-lhe a Santíssima Virgem uma noite com o Menino Jesus nos braços, cercada de resplendor; a celestial doçura que acompanhou esta visão purificou seu coração e o abrasou tanto no fogo do divino amor que se lhe ouvia exclamar continuamente: «Senhor, não vos peço outra graça que amar-vos, nem outra recompensa que amar-vos mais.»

Por sua terna devoção à soberana Rainha empreendeu logo a peregrinação a Monserrate, mosteiro famoso pelo concurso de peregrinos que de todas as partes do mundo acodem a implorar a proteção e a venerar a milagrosa imagem da Virgem. Havia naquele mosteiro um monge de eminente santidade; fez Inácio com ele uma confissão geral, e a fez com tanta dor de seus pecados que o confessor temeu que expirasse a seus pés o penitente, e custou-lhe muito trabalho enxugar-lhe as lágrimas. Passou toda a noite na igreja prostrado diante da imagem da Mãe de Deus; pendurou a espada de um pilar imediato ao altar; deu seus ricos vestidos a um mendigo; lançou às costas um saco e pôs-se a caminho com o bordão na mão, a cabaça ao lado, a cabeça descoberta, os pés descalços, carregado só com os instrumentos de penitência.

Com este pobre equipamento chegou a Manresa o novo peregrino. Foi recebido no hospital; mas seu asqueroso semblante, sua barba longa, as unhas que de propósito havia deixado crescer para causar horror o fizeram tedioso e ridículo a quantos o viam. Serviu-se o demônio de tão estranha mudança de vida para tentar o santo. Os desprezos a que estava exposto, o mau odor do hospital e o ver-se confundido entre uma caterva de mendigos começaram a dar-lhe no rosto, e excitaram-se-lhe vários pensamentos de que igualmente se poderia salvar na corte e no exército que naquela asquerosa vida; mas durou pouco a ilusão; conheceu Inácio toda a sua malignidade; e, para vencê-la com resolução, fez-se criado dos mesmos enfermos, assistindo com maior frequência aos enfermos que lhe davam mais asco e dedicando-se aos mais baixos ofícios. Romperam enfim os

raios de sua virtude por entre as nuvens daqueles abatimentos; começaram a respeitá-lo e a descobrir não sei que espécie de grandeza naquelas exterioridades vis e desprezíveis. Sobressaltou-se Inácio logo que chegou a entendê-lo e, sem dilatá-lo um ponto, saiu do hospital e foi encerrar-se numa horrorosa cova a quinhentos ou seiscentos passos de Manresa.

Pareceu-lhe que naquela profunda caverna se poderia abandonar inteiramente a seu fervor e não pôr limites a sua penitência. Quatro ou cinco vezes ao dia despedaçava seu corpo com uma cadeia de ferro armada de agudas pontas; passava semanas inteiras quase sem alimento, devendo só a umas antigas raízes o não morrer de fome: excessos que muitas vezes o puseram em perigo de vida. Em certa ocasião o acharam desmaiado à entrada da gruta; levaram-no ao hospital, onde outra vez o assaltaram os antigos pensamentos de mudar aquele gênero de vida. A estas tentações seguiram-se outras; fatigavam-no os escrúpulos; mostrava-se o céu de bronze; e, apoderada de sua alma uma profunda melancolia, fazia-se-lhe a vida insuportável. Durante aquela terrível desolação, resolveu Inácio passar sem alimento todo o tempo da prova. Com efeito, esteve sete dias sem comer nem beber; e teria levado adiante estes excessos se seu confessor não lhe tivesse ido à mão, e Deus premiou no mesmo instante sua submissão. Serenou-se o céu, e sucedeu a calma a tão desfeita tormenta. Cumulou Deus aquela generosa alma dos mais doces consolos, de maneira que depois tudo foi visões, êxtases e arrebatamentos. Naquelas íntimas comunicações com Deus recebeu soberanas luzes acerca do mistério da Trindade. O que escreveu deste mistério, e se perdeu, era em estilo dos profetas. Também foi neste tempo quando, iluminado com as mesmas luzes sobrenaturais e penetrado das grandes verdades da religião, compôs o admirável livro dos exercícios espirituais, aprovado por tantos sumos pontífices e tão apreciado de todos os bons, no qual este homem inspirado de Deus reduziu como a arte a conversão do pecador e a prática da perfeição cristã.

Veio-lhe desejo de visitar os lugares santos de Jerusalém e embarcou-se em Barcelona para a Terra Santa. Chegou a ela depois de muitos trabalhos. Era sua intenção deter-se na Palestina para trabalhar na conversão dos maometanos; mas, depois que cumpriu com sua devoção em Jerusalém, viu-se obrigado a restituir-se à Europa. Conhecendo que, para dedicar-se à conversão das almas, era preciso adquirir a doutrina que lhe faltava, e convencido de que não podia contentar seu zelo sem o auxílio das letras humanas, determinou voltar à Espanha e aplicar-se ao estudo. Deram-lhe em Veneza uma boa esmola; chegou a Ferrara e toda a repartiu entre os pobres, mendigando depois de porta em porta. Logo que entrou na Lombardia, prenderam-no os espanhóis, suspeitando que era espião e, despojando-o do vestido, levaram-no em camisa diante do capitão. Uma só palavra teria sido bastante para livrá-lo do perigo; mas calou pelo desejo de padecer. Tiveram-no por tolo; carregaram-no de injúrias e de pauladas e deixaram-no prosseguir seu caminho bem farto de opróbrios. Não o trataram tão mal os franceses; mas não se pode explicar o muito que teve que padecer até que chegou a Barcelona. Naquela cidade começou a estudar a gramática, sendo de idade de trinta e três anos, e foi seu mestre Jerônimo Ardébal, público preceptor de latinidade nela. O exercício era de muita humilhação; mas venceu sua repugnância pelo desejo de aproveitar ao próximo.

Ia muitas vezes à aula incorporado com os meninos; e, para que o estudo não esfriasse a devoção, dobrou as penitências.

Crescendo cada dia em seu coração o zelo da salvação das almas, advertiu que retraía a todos aquele seu exterior austero e nada grato. Deixou o saco e a cadeia de ferro, por parecer de seu diretor, contentando-se com trazer um cilício debaixo de uma pobre sobrecasaca. Já seus exemplos haviam movido a muitos; mas suas conversações converteram a muitos mais. Fez muito ruído a reforma do convento dos Anjos, cujas monjas não viviam com a maior edificação. Isto lhe granjeou o ódio dos seculares que contribuíam ao mau exemplo; moeram-no a pauladas a ele e ao capelão do convento; este morreu dos golpes, e o santo esteve tão nas últimas que salvou a vida por milagre.

Deixou Barcelona para ir estudar filosofia em Alcalá, onde seu zelo não foi menos eficaz nem menos exercitado. Mereceu-lhe grande reputação a conversão de certa pessoa da primeira distinção que era laço da juventude; mas, seguindo-se a esta a de muitos jovens daquela universidade, isto mesmo lhe ocasionou uma nova perseguição na Espanha. Acusaram-no de feitiçaria e de heresia; foi delatado à Inquisição; triunfou sua inocência naquele tribunal, e não só foi aprovado, mas aplaudido seu zelo; mas, conhecendo assim os inquisidores como o vigário de Alcalá quanto importava à Igreja a vida daquele servo de Deus, moderaram seus rigores, proibiram-lhe que andasse com os pés descalços e mandaram-no vestir uma sotaina negra. Pela indiscreta devoção de duas senhoras de qualidade que, contra o parecer do santo, empreenderam certa peregrinação, viu-se na precisão de ir continuar seus estudos na universidade de Salamanca. Sendo seu zelo tão eficaz e tão puro, não podia deixar de ser perseguido em todas as partes. Prenderam-no em seu convento os religiosos de certa esclarecida família, parecendo-lhes que não se devia permitir falar em público a um homem sem caráter e que não era graduado; deram parte ao provisor, e este, abusando de sua autoridade, pô-lo no cárcere público, carregou-o de cadeias e tratou-o como a herege. Tomaram-lhe jurídica confissão, e não deu outra resposta que apresentar aos juízes seu livro de exercícios. Foi examinado o livro escrupulosamente e, achando-o cheio do espírito de Deus, foi aplaudida a inocência e a virtude de nosso santo. Deram-lhe liberdade em virtude de sentença judicial, a qual a um mesmo tempo era sua melhor apologia e o exortava a continuar suas obras de caridade e os exercícios de seu zelo. Quiseram detê-lo em Salamanca; mas a Providência, que tinha seus desígnios, destinava-o a maior teatro. Deixou Inácio aquela universidade para ir passar seus estudos na de Paris, que então era a mais célebre da Europa. Havia ocorrido tempo antes um sucesso bastante funesto, que confirmou o conceito geral de sua eminente virtude. Um cavaleiro de distinção viu um dia passar o santo e, mostrando-o com o dedo, disse: «Queimado morra eu, se este não merece ser queimado.» Subiu no mesmo dia ao terraço de sua casa para tirar umas pequenas peças de artilharia que se haviam de disparar por motivo de certo regozijo; caiu uma faísca num montão de pólvora de canhão e, envolto nas chamas, ficou abrasado vivo.

Chegou Inácio a Paris nos princípios de fevereiro do ano de 1528 e logo acudiu ao colégio de Montaigu para voltar a repassar a gramática entre os meninos. Entregou em confiança a um companheiro seu de pousada o dinheiro que de esmola havia recolhido na Espanha para manter-se; escapou-se com ele, e viu-se obrigado a pedi-la em Paris. Não tendo outro recurso, recolheu-se ao hospital, onde não lhe davam mais que o simples abrigo, e mendigava de porta em porta a comida. Teve notícia de que o infiel companheiro que o havia roubado estava enfermo em Ruão; voou ao ponto a socorrê-lo; abraçou-o, consolou-o, serviu-o e buscou-lhe esmolas para que pudesse continuar seu caminho. Acabada a gramática no colégio de Montaigu, passou a estudar

filosofia no de Santa Bárbara. Excitou-lhe outra nova tempestade a devoção que inspirava aos jovens estudantes. Tendo-se feito religiosos alguns companheiros seus, acusaram-no de que pretendia deixar deserto o colégio. Irritaram-se tanto o reitor e os regentes que pensaram dar-lhe uma sala (assim se chamava na Sorbona o castigo de açoites públicos e em roda, que se davam com uns vimes nas costas aos professores que haviam cometido graves delitos). Era muito do gosto de Inácio uma humilhação de tanto desdouro; mas seu confessor o obrigou a justificar-se. Fê-lo assim, e ficaram todos tão convencidos de sua reta intenção que o reitor do colégio deu público testemunho de sua virtude no mesmo lugar onde se havia de fazer a execução.

À vista de tão solene satisfação abriram todos os olhos e com ela lhes ganhou os corações. Fez-se famoso na universidade o nome de Inácio. O reitor que havia levantado a tormenta quis reparar a injúria; e, encarregando-se muito particularmente dos estudos de Inácio, assinalou-lhe por assistente, para repartir com ele as lições, um moço saboiano, pobre na verdade, mas muito hábil, que vivia num quarto do mesmo colégio com Francisco Xavier, fidalgozinho do reino de Navarra. Adiantou tanto Inácio com este meio que recebeu o título de mestre em artes e acabou depois com muita honra seu curso de teologia.

Este foi o tempo em que Deus lhe deu a entender distintamente que o tinha escolhido para fundar uma companhia de homens apostólicos que, atendendo unicamente à maior glória de Deus, se empregassem na salvação do próximo e em fazer eterna guerra aos inimigos de Jesus Cristo e de sua Igreja. O primeiro em quem o santo pôs os olhos para tão elevado intento foi seu assistente Fabro. Um pouco mais lhe custou a conquista de Xavier. Era de grande engenho e de ilustre nascimento; ensinava a filosofia com muito aplauso; e, ambicioso de glória, a nada menos aspirava que às primeiras dignidades da Igreja. Ganhou-o Inácio para Deus e em pouco tempo foi Xavier ornamento da nova companhia e um dos maiores santos da Igreja.

Logo se lhe agregaram a estes dois companheiros outros quatro, todos de singular mérito: Diogo Laínez, natural de Almazán; Afonso Salmerón, de perto de Toledo; Nicolau Afonso Bobadilla, nome que tem também o lugar de seu nascimento; e Simão Rodrigues, cavaleiro português. Juntou-os um dia Inácio e declarou-lhes seu ânimo de dedicar-se a trabalhar na salvação das almas; responderam-lhe prontamente que todos tinham a mesma intenção e escolheram o dia da Assunção da Virgem para obrigar-se com expresso voto a tão piedosa empresa. Neste dia, no ano de 1534, conduziu-os todos Inácio à igreja de Montmartre, monte dos mártires, onde celebrou a missa Pedro Fabro, ordenado pouco antes de sacerdote, e a todos deu por sua mão a comunhão na capelinha subterrânea. Concluída a missa, todos sete juntos, em voz alta, clara e distinta, fizeram voto de renunciar todos os bens e de empreender no tempo assinalado a viagem de Jerusalém para trabalhar na conversão dos infiéis; e, no caso de que não tivesse efeito esta viagem, de ir-se todos lançar aos pés do papa e oferecer-lhe suas pessoas para ir sob suas ordens a qualquer parte aonde os enviasse. Sem dúvida foi alto desígnio da divina Providência que o novo patriarca, entre tantos santuários como há nas cercanias de Paris, tivesse escolhido o monte dos mártires para lançar os primeiros alicerces da religião. Inspirou-lhe o céu este pensamento para dar-lhe a entender que uma companhia que com o tempo havia de derramar tanto sangue por amor de Jesus Cristo, sendo também perseguida de todos os modos com que o foi sua santa Igreja, devia nascer sobre o sepulcro dos mártires e sob os auspícios da Mãe de Deus, a cujo culto está singularmente dedicada.

Não esteve ocioso o zelo de Inácio enquanto seus companheiros se dispunham a partir. Soube que vivia mal um conhecido seu e, não adiantando nada com suas exortações, informou-se do sítio por onde havia de passar para ir à casa da que causava sua perdição. Esperou-o perto de um tanque quase gelado pelo rigor do frio e, quando advertiu que passava, arrojou-se intrepidamente nele com a água até o pescoço, gritando-lhe que ali permaneceria sofrendo aquele frio rigoroso até que se apagasse em seu peito o fogo da paixão e aplacasse a cólera do céu. Atônito aquele homem perdido, à vista de tão portentosa caridade, voltou atrás e só pensou em fazer penitência de suas culpas. Não houve indústria de que não se valesse para converter os pecadores. Noticioso da vida que levava certo escandaloso sacerdote, lançou-se a seus pés e confessou-se com ele de suas culpas passadas; comunicou-se ao coração do confessor a sensível contrição do penitente e, movido daquele exemplo, detestou seus pecados e mudou de vida.

Obrigado a dar uma volta à Espanha, entrou em Guipúscoa sem outro equipamento que o de um verdadeiro discípulo de Cristo, hospedando-se no hospital e vivendo de esmola. Não pôde conseguir dele seu irmão Dom Garcia que passasse por alguns dias a Loyola. Com a vista daqueles lugares em que havia tido uma vida mundana, excitou-se-lhe o pensamento de renovar suas antigas penitências. Voltou a tomar um áspero cilício, cingiu-se de uma grossa cadeia de ferro e tratou seu corpo com tanto maior rigor quanto eram maiores as forças com que se sentia recobrada sua saúde.

Enquanto Inácio estava edificando seus patrícios com sua santa vida e reformava os costumes em todos os estados, aumentava o céu com novos sujeitos sua recém-nascida companhia. Cláudio Jayo, saboiano, João Codure, do Delfinado, e Pascoal Brouet, da Picardia, fizeram no monte dos mártires o mesmo voto que os outros sete. Com esta gostosa notícia acelerou sua partida; encaminhou-se a Veneza, vencendo felizmente mil perigos, e logo que chegou àquela cidade conheceu-se que havia entrado nela um novo apóstolo. Como a todas as partes o seguia a reforma dos costumes, em todas lhe suscitava o inferno novas tempestades. Acusaram-no de que era um herege disfarçado; mas esta tormenta se dissipou logo sem outra diligência que apresentar seu livro de exercícios.

Tendo chegado a Veneza seus nove companheiros, tomaram-se as medidas para a viagem da Terra Santa. Antes de tudo quis Santo Inácio que fossem pedir a bênção de Sua Santidade e declarar-lhe seus intentos. Paulo III, que já estava informado assim de seu modo de viver como de sua capacidade, recebeu-os com amor paternal; e, sabendo que os mais não eram sacerdotes, deu-lhes licença para que os pudesse ordenar qualquer bispo que eles escolhessem, e também para a viagem da Terra Santa, embora lhes insinuasse a dificuldade de poder fazê-la. Voltados a Veneza, todos fizeram voto de pobreza e de perpétua castidade nas mãos do núncio Monsenhor Veralli. Ordenado Santo Inácio de sacerdote com seus companheiros, dispuseram-se todos com seus exercícios de quarenta dias para celebrar a primeira missa.

É fácil discorrer qual seria a devoção de nosso santo durante o divino sacrifício; lançava fogo seu semblante, saindo-lhe ao rosto o incêndio que abrasava seu coração; as doces lágrimas que derramava faziam-nas derramar a todos os assistentes; todos criam ver no altar um serafim vendo o novo sacerdote.

Impedida a viagem da Terra Santa pela guerra que os venezianos acabavam de declarar ao Turco, para cumprir a segunda parte do voto partiram todos a Roma para oferecer-se à disposição do sumo pontífice; determinaram que se adiantasse Santo Inácio, acompanhado de Fabro e de Laínez; mas antes de separar-se ficaram de acordo em observar certo uniforme gênero de vida. As regras que se obrigaram a seguir foram as seguintes:

Primeira: que sempre se hospedariam nos hospitais e só viveriam de esmola. Segunda: que ensinariam a doutrina às crianças e não receberiam dinheiro pelas funções de seu ministério. Terceira: e, por quanto muitas vezes lhes perguntavam quem eram, disse-lhes Santo Inácio que, tendo-se juntado para declarar a guerra aos hereges e à dissolução dos costumes sob a bandeira de Jesus Cristo, não convinha a sua companhia outro nome que o de Companhia de Jesus. Desde que nosso santo se retirou à cova de Manresa teve sempre este nome em seu coração, e confirmou-se muito mais em retê-lo com a visão que teve no caminho de Siena a Roma, porque, retirando-se a fazer oração num edifício antigo e arruinado, apareceu-lhe Jesus Cristo com uma cruz às costas e disse-lhe: «Eu vos serei propício em Roma.» Chegou àquela cidade com Fabro e Laínez pelo fim do ano de 1537. Aceitou com gosto o papa Paulo III sua voluntária oferta; quis que Laínez e Fabro ensinassem no colégio da Sapiência, o primeiro teologia escolástica e o segundo a sagrada Escritura, enquanto Inácio, sob sua pontifícia autoridade, trabalhava na reforma dos costumes por meio dos exercícios. Não duvidando já o santo de ser vontade de Deus que sua companhia se erigisse em religião, chamou a Roma todos os seus companheiros; dispôs o plano do instituto, no qual aos três votos comuns a todos os religiosos acrescentou o quarto, de ir a qualquer parte aonde os enviasse o sumo pontífice para trabalhar na salvação das almas, sem outro viático que a caridade dos fiéis. Reconheceu Paulo III visivelmente o dedo de Deus no novo instituto; louvou-o, aprovou-o e confirmou-o sob o nome de Companhia de Jesus por sua bula *Regimini militantis Ecclesiæ*, dada a 27 de setembro de 1540.

Apenas havia nascido esta Companhia quando pretendeu afogá-la certo herege em hábito religioso, acusando Inácio diante do governador de Roma de herege e de feiticeiro e de que como tal havia sido queimado em estátua em Alcalá, Paris e Veneza. Não assustou a nosso santo esta calúnia, e mais tendo já prognosticado que a Companhia teria a ventura de ser perseguida enquanto houvesse no mundo inimigos de Jesus Cristo. Foi castigado o caluniador, ficando Inácio plenamente justificado e mais admirada que nunca sua virtude. Mais teve que padecer sua humildade na violência que lhe fizeram quando, apesar de suas razões, de seus rogos e de suas lágrimas, por unânime consentimento de todos foi eleito geral da Companhia, cujo fundador e pai era.

Depois de tão digna eleição, todos os padres juntos visitaram as sete igrejas de Roma; pararam na de São Paulo, onde o novo geral celebrou o santo sacrifício da missa, deu a comunhão a todos os seus filhos e recebeu sua profissão depois de ter feito o santo a sua nas mãos do papa.

Conheceu-se logo que era obra do Senhor a nova Companhia de Jesus, não só pelos grandes serviços que aqueles novos apóstolos fizeram a toda a Itália em muitas calamidades públicas e pela reforma geral dos costumes, mas também pelos maravilhosos efeitos de seu zelo, que em menos de dois anos se fez admirar em todas as partes do mundo. Apenas foi aprovada e confirmada pela sé apostólica a Companhia de Jesus, quando Inácio teve o consolo de que quase

todas as cidades da Itália, da Espanha, de Portugal, da Sicília, da Alemanha e dos Países Baixos lhe pediram obreiros formados de sua mão, sabendo ao mesmo tempo que o zelo apostólico de seus filhos triunfava em todas as partes dos inimigos da salvação e da Igreja. Parecendo estreito campo a Europa àqueles heróis cristãos, em breve tempo a Ásia, a África e a América foram glorioso teatro de seus trabalhos e de suas vitórias.

Xavier, apóstolo do novo mundo, cada dia conquistava novos reinos a Jesus Cristo. Simão Rodrigues havia introduzido já a devoção e o fervor na corte de Portugal, e o rei havia fundado o primeiro colégio da Companhia na universidade de Coimbra para seminário de apóstolos do novo mundo. Afonso Salmerón e Pascoal Brouet estavam na Irlanda como núncios do papa para manter a fé católica entre aqueles povos a quem o rei Henrique VII procurava perverter com todo gênero de artifícios. Cláudio Jayo fazia que a Igreja romana triunfasse na Alemanha apesar de todos os esforços e de todas as manobras dos luteranos. Laínez e Salmerón (chamados da Irlanda) foram enviados ao concílio de Trento como teólogos do pontífice; Jayo acudiu também a ele desde a Alemanha por teólogo do bispo de Augsburgo; Fabro foi igualmente enviado ao mesmo concílio como um dos homens mais sábios de seu século. Cismáticos, hereges e gentios, todos se rendiam àqueles novos soldados de Jesus Cristo, animados do espírito e do zelo de seu pai Inácio; e, como se não tivesse sido bastante que seus filhos trabalhassem com tanto fruto na Europa e na Ásia, a instâncias do rei de Portugal enviou aos reinos de Fez e de Marrocos os padres Nuñez e Gonçalves. Enfim, sob os auspícios do mesmo monarca, levaram os jesuítas a fé até a Etiópia Ocidental, no reino do Congo, e até a mesma América Meridional.

Mas ao mesmo tempo que Inácio aprontava tão excelentes obreiros ao pai de família, nada negava ele mesmo ao ardor abrasado de seu zelo. Fundou em Roma uma casa para os judeus convertidos; e achou meio para fundar outra de refúgio onde se recolhessem as mulheres de má vida. Mas a caridade que exercitava com os estranhos não o fez esquecer-se da que devia a seus próprios filhos e à Companhia. Compôs as constituições e as regras de sua religião, nas quais tantos sumos pontífices reconheceram visivelmente o espírito de Deus e uma consumada prudência. Proibiu a Cláudio Jayo, quando estava em Trento, que aceitasse o bispado de Trieste, que o papa e Fernando, rei dos romanos, lhe queriam dar, obrigando depois seus filhos a que fizessem voto de renunciar as dignidades eclesiásticas.

Adoçava o céu os excessivos trabalhos de nosso santo, dando-lhe o consolo de ver que todas as nações e os soberanos solicitavam ansiosos ter filhos seus em todas as partes; e soube que o rei de Portugal havia fundado em Goa um colégio um ano antes que houvesse colégio algum na Europa; mas foi maior seu gozo quando teve notícia dos felizes sucessos com que a Companhia fazia a guerra a todos os hereges na Alemanha, na França e nos Países Baixos, e sobretudo quando viu o duque de Gandia, Dom Francisco de Borja, renunciar todos os seus estados e vir lançar-se a seus pés para ser recebido na Companhia.

Em meio de tantos motivos de gozo e de consolo não se lhe temperou a ânsia que tinha de renunciar o generalato para entregar-se a uma vida obscura e particular; mas todas as tentativas que fez e todos os meios de que se valeu só serviram para dar maior realce a sua eminente virtude e para obrigar a que os sumos pontífices Paulo III, Marcelo II e Paulo IV lhe mandassem que não voltasse a falar na matéria.

Seriam precisos muitos crescidos volumes para referir todas as maravilhas deste homem extraordinário. Havia muito tempo que sua saúde, consumida com tantos trabalhos e com suas contínuas penitências, se ia debilitando mais de dia em dia, quando reconheceu que se aproximava sua última hora. Não se advertiram outros sinais de sua enfermidade que a extraordinária alegria e devoção que se lhe notou. Nem as ocupações exteriores nem os negócios de maior dissipação foram nunca capazes de distraí-lo um momento de sua íntima união com Deus. Não houve homem mais interior, mais cheio de Deus, nem mais morto às criaturas e a si mesmo. Dotado de um sublime dom de contemplação, todas as suas orações eram êxtases; e se pode dizer que toda a sua vida foi uma contínua oração. O voltar os olhos ao céu, o pô-los numa flor, numa estrela, era bastante para arrebatá-lo em êxtases e em arroubos, durante os quais, imóvel e insensível, se lhe ouvia exclamar transportado de amor: «Que asquerosa me parece a terra quando olho para o céu!» Levantava para ele frequentemente os olhos; e tanto que os que não sabiam como se chamava não davam outras senhas para distingui-lo senão dizer: «Aquele homem que sempre está olhando para o céu e sempre fala de Deus.» Quando rezava o ofício divino eram tantas as lágrimas que derramava que se via obrigado a fazer pausas em cada versículo, e no altar tudo eram suspiros e pranto a cada palavra. Sua divisa era: AD MAJOREM DEI GLORIAM, a maior glória de Deus; mas não se contentava com glorificar a Deus como quer que fosse, aspirava a fazê-lo do modo mais excelente e mais perfeito. Sua ternura e sua devoção à Santíssima Virgem correspondiam a seu grande amor do Senhor; depois de Deus, nela punha toda a sua confiança e quis que esta terna devoção caracterizasse em parte sua Companhia.

Não era possível maior mortificação nem mais profunda humildade. Arrebatado um dia em espírito, elevado da terra e rodeado de um celestial resplendor, ouviu-se-lhe exclamar: «Ó Deus infinitamente bom, pois sofreis um miserável pecador como eu!» Esta profunda e não menos engenhosa humildade nos escondeu grande número de prodígios e de ações heroicas que, por confissão dos sumos pontífices e de todos os grandes homens que o conheceram, constituíram Inácio um dos maiores santos da Igreja.

Como sua enfermidade não era mais que uma suma debilidade sem muita febre, assim os médicos como seus filhos se enganaram; só o santo não se enganou; pediu que lhe administrassem os santos sacramentos, os quais recebeu com extraordinário fervor. «Minha hora já chegou — disse ao padre Polanco —; ide e pedi ao papa a bênção para mim e uma indulgência por meus pecados.» «Pois quê — replicou Polanco —, é possível que hajamos de perder-vos tão cedo? Vossa enfermidade ninguém crê que seja de perigo; não poderei dilatar essa diligência para amanhã?» «Fazei o que vos parecer — respondeu o santo —, temendo que, se insistia na ordem, se atribuísse a revelação.» Passou toda a noite só, ocupado em Deus e num contínuo êxtase. Os que entraram a vê-lo pela manhã o acharam já agonizando. Acudiram todos os padres, desfazendo-se em lágrimas e pedindo-lhe sua bênção. Polanco foi com diligência ao palácio pontifício, e o papa lhe concedeu com grande dor e com não menor benignidade tudo o que lhe pedia; entretanto, levantando Inácio os olhos ao céu e voltando-os depois para seus filhos, exortou-os com voz desmaiada e moribunda ao constante amor de Deus e a buscar em tudo unicamente sua maior glória; juntando depois as mãos, voltando a levantar os olhos ao céu e pronunciando o nome de Jesus e de Maria, expirou docemente uma hora depois de saído o sol, no dia último de julho do ano 1556, aos sessenta e cinco de sua idade, trinta e cinco depois de sua conversão e dezesseis de fundada a Companhia. Antes de sua morte teve o consolo de vê-la estendida por todo o universo e dividida em doze

províncias, nas quais se contavam pelo menos cem colégios. Também a viu coroada do martírio na pessoa do padre Antônio Criminal e dos irmãos Pedro Correia e João de Sousa, que perderam todos três a vida pela fé a mãos dos bárbaros.

A preciosa morte do servo de Deus fez nos ânimos aquela impressão que sempre faz nos corações a morte dos santos. Em toda a cidade de Roma só se ouviam estas palavras: «Morreu o santo.» Enxugou logo as lágrimas de seus filhos a confiança que tinham de ter no céu um poderoso protetor. Achava-se em Roma São Filipe Néri quando morreu Inácio e falou dele depois de morto como sempre havia falado durante sua vida. Dizia que era um homem todo cheio do espírito de Deus; que muitas vezes o havia visto com o rosto coberto de resplendor; que dele havia aprendido a ter oração e que lhe devia muito toda a cristandade. Enquanto se lhe fazia o ofício de defuntos, uma senhora, cuja filha havia cinco anos que adoecia de escrófulas, creu que a enferma sararia se pudesse tocar o cadáver do santo; mas, como não fosse possível romper pelo concurso, suplicou a um padre que aplicasse à parte lesada de sua filha alguma coisa que houvesse usado o servo de Deus. Fê-lo o padre Vischaven, e no mesmo ponto desapareceram as escrófulas sem deixar sinal algum. Assegura-se que em vida ressuscitou um morto e que fez outros muitos milagres. Os que cada dia obrava Deus por sua intercessão em todo o mundo e em seu sepulcro moveram o papa Paulo V, precedendo o processo e demais jurídicas informações, a beatificá-lo no dia 3 de dezembro do ano de 1609; e o papa Gregório XV, a instância do imperador, dos reis da Espanha, França, Polônia, Portugal e de quase todos os príncipes católicos da Europa, canonizou-o solenemente, juntamente com São Francisco Xavier, São Filipe Néri, Santo Isidro lavrador e Santa Teresa, no dia 12 de março do ano 1622. Trasladou-se seu corpo e colocou-se no lado direito do altar-mor no dia 19 de novembro do ano 1597 na célebre igreja do Gesù, que havia edificado o cardeal Alexandre Farnésio. A capela que o padre Tirso González, décimo terceiro geral da Companhia de Jesus, dedicou ao santo fundador está reputada pela mais rica e mais magnífica que há no mundo.

Martirológio Romano

Em Roma, Santo Inácio, confessor, fundador da Companhia de Jesus, ilustre por sua santidade e milagres e de admirável zelo por propagar em todas as partes a fé católica.

Em Cesareia, o martírio de São Fábio, o qual, negando-se a levar as insígnias da guarnição, foi logo encarcerado alguns dias; depois, tendo sofrido primeiro e segundo interrogatório e mantendo-se constante na fé de Jesus Cristo, foi condenado pelo juiz à pena de morte.

Em Milão, São Calímero, bispo e mártir, que, preso na perseguição de Antonino, foi coberto de feridas, traspassado na garganta de uma cutilada e precipitado num poço, onde consumou seu martírio.

Em Sinada, na Frígia Pacatiana, São Demócrito, São Segundo e São Dionísio, mártires.

Na Síria, trezentos e cinquenta monges, mártires, que foram sacrificados pelos hereges em defesa do concílio de Calcedônia.

Em Ravena, a morte de São Germano, bispo de Auxerre, ilustre por seu nascimento, fé, doutrina e brilhantes milagres, com cujas prendas purgou inteiramente a Inglaterra dos erros dos pelagianos.

Em Tagaste, na África, São Firmo, bispo, célebre pela honra de ter confessado a fé.

Em Siena, na Toscana, a festa de São João Colombini, fundador da ordem dos Jesuados, ilustre em santidade e milagres.

No Franco-Condado, São Itério , confessor.

Em Tréveris, São Bantão , confessor.

Neste mesmo dia, o natalício de José de Arimateia. Em Pozzuoli, perto de Nápoles, Santo Onésimo, confessor.

Em Ravena, São Pedro, o Jovem, bispo, que presenteou a sua igreja os santos Evangelhos chapeados de ouro e guarnecidos de pedrarias.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui ad majorem nominis tui gloriam propagandam, novo per beatum Ignatium subsidio militantem Ecclesiam roborasti; concede, ut ejus auxilio, et imitatione certantes in terris, coronari cum ipso mereamur in cœlis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que enviastes à Igreja militante um novo socorro por meio do bem-aventurado Inácio, para propagar a maior glória de vosso nome, concedei-nos que, pelejando nós a exemplo seu e mediante sua intercessão na terra, mereçamos ser coroados juntamente com ele no céu. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 e 3 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, e a mesma que a do dia 27.

2 Timóteo 2,8-10; 3,10-12

> **Latim:** [8] Memor esto Dominum Jesum Christum resurrexisse a mortuis ex semine David, secundum Evangelium meum, [9] in quo laboro usque ad vincula, quasi male operans : sed verbum Dei non est alligatum. [10] Ideo omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur, quæ est in Christo Jesu, cum gloria cælesti. [10] Tu autem assecutus es meam doctrinam, institutionem, propositum, fidem, longanimitatem, dilectionem, patientiam, [11] persecutiones, passiones : qualia mihi facta sunt Antiochiæ, Iconii, et Lystris : quales persecutiones sustinui, et ex omnibus eripuit me Dominus. [12] Et omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur.

Português: [8] Lembra-te que o Senhor JESU CHRISTO, que nasceo do sangue de David, resurgio dos mortos, segundo o evangelho, que eu prêgo, [9] no qual eu trabalho até estar em prisões, como hum malfeitor: mas a palavra de Deos não está comigo atada. [10] Por tanto soffro tudo pelos escolhidos, para que tambem elles consigão a salvação, que he em Jesu Christo, com a gloria do ceo. [10] Tu porém já tens compreendido a minha doutrina, instituição, intento, fé, longanimidade, caridade, paciencia, [11] as minhas perseguições, vexações: quaes me acontecerão em Antioquia, Iconio, e em Lystra: quão grandes perseguições soffri, e como de todas me livrou o Senhor. [12] E todos os que querem viver piamente em Jesu Christo, padecerão perseguição.

Nota

«Tendo percorrido São Paulo as cidades da Ásia, passou a Roma no ano 62 de Cristo e ocupou-se com seu costumado zelo na conversão dos judeus e dos gentios. Por ter convertido uma concubina de Nero, mandou-o prender o imperador e, estando ainda no cárcere, escreveu esta segunda epístola a seu querido Timóteo para animá-lo a não temer as prisões, os tormentos nem a morte mesma. O nome de eleitos, por cujo amor diz que está padecendo neste lugar, deve-se entender por todos os fiéis.»

Reflexões

Todos os que querem viver piedosamente em Jesus Cristo padecerão perseguição. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais?, dizia Santo Estêvão. Logo a virtude e a religião em todos os tempos foram perseguidas. Esta perseguição é tão antiga como o mundo. A malignidade do coração humano não pode sofrer a inocência. Sua primeira vítima foi Abel. Todo o delito de José foi ter sido mais amável e mais amado que seus irmãos. Que santo poderá estar encoberto da inveja, quando não perdoou nem ao mesmo Jesus Cristo? Pode-se dizer que a perseguição é a herança dos

bons; e é bem certo que nem sempre é a mais cruel a que vem da parte dos ímpios. A mais sensível é a que excitam aqueles mesmos que fazem profissão de virtude e deveriam ser seus maiores defensores. Se uma pessoa religiosa, vencida da indispensável obrigação que tem de aspirar à perfeição de seu estado, se determina a observar com pontualidade suas menores regras, mais resolução e mais paciência necessita para não ceder à multidão daqueles a quem não agrada esta reforma. Os menos fervorosos, cujo número costuma ser o maior numa comunidade, consideram aquela exata reforma como uma espécie de tácita censura, e aquele fervor como uma secreta repreensão de sua tibieza; e não basta calar, viver retirado, atender só a sua obrigação e não ceder a ninguém em humildade e em doçura; a emulação não se vence à força de virtudes; dizem que naquela pessoa observante e fervorosa não se descobre mais que um espírito de orgulho e de distinção; por sua maior observância chamam-lhe o novo reformador que vem turbar a comunidade e inquietá-la na pacífica posse da tibieza. Até a estima que se faz dos bons não poucas vezes lhes dá ocasião de novas provas. Há numa comunidade um sujeito de singular virtude, mais humilde, mais mortificado que os outros, pronto a qualquer coisa que lhe mandem; bem pode esperar todas as ocupações de maior trabalho; tudo o penoso e desagradável que se oferecer lhe será encarregado a ele, e ele carregará com os empregos a que se negarem ou se resistirem os imperfeitos; contempla-se pouco sua virtude pelo conceito que se tem de sua mortificação. Enfim, nunca se verá sem perseguidores a fé de Jesus Cristo: nasceu a Igreja à sombra da cruz; com a Igreja nasceu a perseguição; sempre o erro fará guerra à verdade; e, enquanto houver hereges, sempre terão que padecer os homens apostólicos. *É preciso*, diz o Apóstolo, *que haja heresias entre vós, para que entre vós se reconheçam os que estão bem provados.* Houve-as, e as haverá em todos os séculos, e em todos serão perseguidos os verdadeiros fiéis por defender a verdade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas.

Lucas 10,1-9

> **Latim:** [1] Post hæc autem designavit Dominus et alios septuaginta duos : et misit illos binos ante faciem suam in omnem civitatem et locum, quo erat ipse venturus. [2] Et dicebat illis : Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo dominum messis ut mittat operarios in messem suam. [3] Ite : ecce ego mitto vos sicut agnos inter lupos. [4] Nolite portare sacculum, neque peram, neque calceamenta, et neminem per viam salutaveritis. [5] In quamcumque domum intraveritis, primum dicite : Pax huic domui : [6] et si ibi fuerit filius pacis, requiescet super illum pax vestra : sin autem, ad vos revertetur. [7] In eadem autem domo manete, edentes et bibentes quæ apud illos sunt : dignus est enim operarius mercede sua. Nolite transire de domo in domum. [8] Et in quamcumque civitatem intraveritis, et susceperint vos, manducate quæ apponuntur vobis : [9]

> et curate infirmos, qui in illa sunt, et dicite illis : Appropinquavit in vos regnum Dei.

Português: [1] E DEPOIS d'isto designou o Senhor ainda outros setenta e douss: e mandou-os de douss em douss a diante de si por todas as cidades, e lugares, para onde elle tinha de ir. [2] E dizia-lhes: Grande he na verdade a mésse, e poucos os trabalhadores. Rogai pois ao dono da mésse, que mande trabalhadores para a sua mésse. [3] Ide: olhai que eu vos mando como cordeiros entre lobos. [4] Não leveis bolsa, nem alforje, nem calçado, e a ninguem saudeis pelo caminho. [5] Em qualquer casa aonde entrardes, dizei primeiro que tudo: Paz seja nesta casa: [6] e se alli houver algum filho de paz, repousará sobr'elle a vossa paz: e senão, ella tornará para vós. [7] E permanecei na mesma casa, comendo, e bebendo do que elles tiverem: porque o trabalhador he digno do seu jornal. Não andeis de casa em casa. [8] E em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que se vos pozer diante: [9] e curai os enfermos que nella houver, e dir-lhes-heis: Está a chegar a vós-outros o reino de Deos.

Meditação

Que em tudo se deve buscar a maior glória de Deus

Primeiro ponto

Considera que Deus criou todo este vasto universo e todas as criaturas que se compreendem nele unicamente para sua glória. Quando as tirou do nada, não se podia propor outro fim. Logo que determinou Deus criar uma criatura racional, isto é, capaz de conhecê-lo e amá-lo, não pôde deixar de querer que esta criatura tudo referisse à glória do Criador; quer dizer, que seu entendimento conhecesse aquele Ser infinitamente perfeito; aquele Ser soberano, independente e todo-poderoso; aquele Ser, princípio e fim de todos os demais seres, e que seu coração o amasse como a seu único e supremo bem; que esse entendimento e esse coração, caminhando sempre de acordo, por este motivo de religião, não se movessem senão para fazer aquilo que agrada a Deus; que nada desejassem tanto como ver santificado e glorificado seu nome em tudo e por tudo e ser estendido por todas as partes o número de seus verdadeiros fiéis e de seus verdadeiros adoradores. Deste conhecimento e deste amor de Deus resulta necessariamente o respeito e a adoração que se devem a este soberano Ser, objeto único e necessário de sua admiração, de sua veneração, de sua consagração e de seu culto, único objeto capaz de contentar e de saciar seu coração e único princípio da felicidade já desde esta vida. Não há criatura no céu, não a há na terra, que não nos esteja gritando e advertindo este fim. Têm os céus sua língua e com ela publicam incessantemente a glória do Criador. Não é menos eloquente a terra. Não há flor, não há fruto, não há planta, não há ervazinha que não nos anuncie a incompreensível habilidade, a infinita sabedoria e a onipotência do que a criou. Que homem, que engenho pôde, nem poderá jamais fazer o mais imperceptível mosquito, o mais vil inseto? A planta mais desprezível, a mais mínima folha confunde e desespera

toda a indústria, toda a habilidade do mais destro artífice. Ó Deus meu, quantos objetos publicam nosso nada e nos pregam nossa obrigação quando nos põem à vista vosso infinito poder! Todas as coisas nos estão gritando que só fomos criados para glorificar-vos; quer dizer, todas as criaturas nos devem mover a conhecer-vos, a amar-vos e a bendizer-vos sem cessar. Todas nos clamam que só nos destes o uso destas criaturas com a precisa condição de que nos haviam de servir de meio para reconhecer vossa bondade em tantos benefícios e para obedecer vossos preceitos. Usar em outra conformidade destes benefícios é impiedade e, por dizê-lo assim, é injustiça; tudo nos deve levar a Deus, e a Deus devemos referir tudo, sob pena de transtornar com culpável abuso a ordem que ele mesmo estabeleceu quando nos criou. Bens, talentos, saúde, a vida mesma, quanto temos, quanto somos, tudo deve ser unicamente para glória de nosso Deus. Quanto fazemos, quanto empreendemos, quanto desejamos, não deve ter outro motivo que esta divina glória. Esta foi a principal devoção de todos os santos e singularmente de Santo Inácio. Mas é esta a nossa? Somos todos servos de Deus? Trabalhamos unicamente por este soberano Dono? Ah, Senhor, e quão poucos servos fiéis contais! Mereceremos nós este augusto título?

Segundo ponto

Considera que esta é uma lei de que ninguém está dispensado. Mas quantas vezes a violamos abusando enormemente das criaturas! Temos o uso delas, mas usurpamos a propriedade. É sempre aquele uso para glorificar o Criador? É a glória de Deus o fim de todos os nossos desejos, de todas as nossas ações, como o era de todas as empresas de Santo Inácio? Choramos com razão a ímpia cegueira daquelas nações insensatas que rendiam às criaturas o culto devido a só Deus. Somos nós menos insensatos quando referimos a nós mesmos o que unicamente se deve consagrar a este Senhor? E quando se examinam de perto nossos fins e nossos projetos; quando se consideram os verdadeiros motivos de todas as nossas ações, não se poderá dizer com sobrada razão que colocamos nosso último fim em nossos interesses e em nossa própria glória? Propomo-nos porventura outro em tudo quanto fazemos? Acaso nos servimos das criaturas precisamente para amar mais o Criador? Quantas vezes temos sacrificado a glória de Deus à nossa! Culto divino, interesses de religião, Deus mesmo, tudo se pospõe a nossas paixões e a nossos interesses. Buscar-se-á unicamente a glória de Deus naquele ardor, naquela vivacidade com que se defende a própria reputação e se corre ansiosamente atrás de tudo o que lisonjeia o amor-próprio? Esses escravos da fortuna, essas vítimas da ambição e do interesse, essas gentes do prazer e da diversão, essas almas terrestres embriagadas com o amor das criaturas, buscam a glória de Deus unicamente? Oh, e quanta verdade é que são poucos sobre a face da terra os que não transtornam a ordem da Providência pelo que abusam dos bens criados. Até as mesmas pessoas que fazem profissão de virtude, têm todas elas muito pura a intenção? É sempre puro e limpo o zelo dos devotos? Não se insinuam até no santuário o amor-próprio, o orgulho, o gênio e a própria estima? Se só se busca a maior glória de Deus, de onde vem essa maior inclinação a tais lugares e a tais ocupações, essa inquietação sobre o destino, essa visível aceitação de pessoas? Quando só se busca a Deus, encontra-se gosto nos abatimentos, não se sentem os maus sucessos e só se atende à glória daquele a quem se deseja agradar. Desconfiemos de todos esses trabalhos apostólicos tão preconizados, de todas essas devoções demasiado aplaudidas; uma virtude obscura e desprezada tem muito valor e é mais segura. Oh, que belo modelo da pureza de intenção é toda a vida de Santo Inácio!

Purifica, Senhor, meu coração, abrasa-o com o sagrado fogo de teu puro amor, e só buscarei tua maior glória. Oh, e quantos imperfeitos motivos, quantos fins terrenos se misturam em toda a minha conduta! Reconheço minhas ilusões e as detesto; cheio de confiança em vossa misericórdia, estou resolvido a não olhar outra coisa que a vós nos dias que me restarem de vida.

Jaculatórias

> *Quid mihi est in cælo, et a te quid volui super terram?* Sl 72.

Que tenho eu que desejar, Deus meu, fora de vós, no céu e na terra?

> *Non quæro gloriam meam, sed ejus qui misit me.* Jo 8.

Não, Senhor, em nada buscarei minha glória, mas a vossa.

Propósitos

1. Costuma ser a glória de Deus um especioso pretexto de que se valem muitos para autorizar suas paixões e para canonizar seu amor-próprio. Emulação, antipatia, vingança, orgulho, tudo isto se cobre com tão religioso nome para satisfazer-se sem temor e sem remorso. O excessivo cuidado da saúde, o regalo e até a mais refinada delicadeza, tudo se disfarça com tão respeitável motivo. Sobretudo a vaidade e a ambição nos devotos de perspectiva não deixam de clamorear a maior glória do Senhor, sendo assim que elas são o móvel de todas as suas ações; mas descobre Deus os verdadeiros motivos; sucede a estes especiosos pretextos o que ao zelo falso, que engana com aparências de bem. Olha que as paixões são engenhosas; não queiras tu ser o joguete delas. Busca a Deus em tudo o que fazes e, antes de empreender coisa alguma, examina bem aos pés do crucifixo por que motivo a empreendes, qual é o verdadeiro fim. Para isto traze à memória o pensamento da morte e da conta que se te há de pedir. Confesso que é fácil enganar-se; por isso, para proceder com acerto, não determines coisa alguma de repente; comunica com sinceridade a teu diretor os movimentos de tua alma e segue seu conselho, lembrando-te do que disse Cristo a seus discípulos: que viria tempo em que qualquer que os perseguisse julgaria que nisso fazia um grande serviço a Deus.

2. Faze propósito todas as manhãs, ao tempo de oferecer as obras do dia, de não empreender coisa alguma que não seja com a intenção de agradar unicamente a Deus e de buscar sua glória em todas as tuas ações. *Tudo quanto fizerdes*, diz o Apóstolo[^n312], *já seja de palavra, já de obra, fazei-o tudo em nome de Jesus Cristo nosso Senhor, rendendo graças a Deus Pai por meio*

dele. Glorifica-se a Deus sempre que cada um cumpre com as obrigações de seu estado por agradar-lhe. Por aqui hás de começar a buscar sua glória. Tudo o que se faz por Deus se faz com cuidado e com fervor. Procura que o mesmo zelo e a mesma aplicação com que desempenhas tuas obrigações estejam mudamente publicando que o fazes por Deus. É muito proveitoso costume dizer ao princípio de cada obra: «Senhor, isto o empreendo para maior glória vossa: dignai-vos lançar-lhe vossa bênção.» Não te negues a nenhuma boa obra, especialmente daquelas que Deus te põe diante. As mais obscuras são de ordinário onde se busca sua glória com maior segurança. Glorificamos a Deus com nossos abatimentos e com o desprezo de nós mesmos. Em nenhuma coisa resplandece mais a pureza de intenção, que dá valor e mérito às ações, que nos serviços que se fazem aos menos agradecidos. Não correspondem a tuas finezas? Não se faz caso de teu trabalho? Não se dignam nem ainda voltar os olhos a teus suores e a tuas fadigas? Pois trabalha então com maior fervor e com maior zelo; esta será a melhor prova de que só trabalhas por Deus.

[^n312]: Col 3.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:53 by Admin